

## LINGUAGEM: UMA COLCHA DE METÁFORAS<sup>1</sup>

Alvanira Barros - UFPB

### 0 Introdução

A linguagem como fenômeno fundamental para a comunicação humana tem sido objeto de calorosas discussões, sob as mais diversas perspectivas. Tais discussões podem ser observadas de inúmeras maneiras: através da literatura, da poesia, da religião, da filosofia etc. Com efeito, pode-se observar a existência de inúmeros fatos que revelam a tensão com que homens, de diferentes épocas, trataram a linguagem.

Neste artigo, trabalharemos a noção de linguagem como pré-requisito da condição humana, sob a experientialista de Lakoff e Johnson (2002) na produção metafórica, como reflexo das estruturas sociais (Bakhtin (1995)). O artigo está estruturado da seguinte forma: uma reflexão sobre a linguagem, co-relacionada a diferentes aspectos teóricos da abordagem metafórica. Em seguida, exporei um recorte de ocorrências de metáforas constituídas com o verbo *bater* em contexto esportivo.

### 1. Um passeio sobre as teorias da linguagem

A noção de linguagem, sendo algo inerente à condição humana encontra-se presente em todos os paradigmas, porque, antes de se seguir um modelo teórico, é oportuno entendê-la como algo próprio do ser humano, parte necessária de seu mundo e da sua convivência com os seus semelhantes.

Para Bakhtin (1995, p. 32) a linguagem reflete as estruturas sociais, na perspectiva da dialética do signo. Seus estudos são fundamentados sobre o conhecimento científico, a literatura e a religião com base na teoria marxista da criação ideológica. Considera que essas áreas estão todas relacionadas à filosofia da linguagem. A palavra, a exemplo de qualquer produto de consumo, também pode ser transformada em signo ideológico. Um signo parte de uma realidade, podendo distorcê-la, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico. Tal representação torna um campo fértil para a produção das metáforas dando cor a língua metamorfoseando-a, possibilitando dizer o que não poderia ser dito de outro modo.

É o que ocorre com *bater*, que no processo de apropriação discursiva, flutua por sentidos diversos, refletindo uma lógica da consciência social nas estruturas conceituais, como se depreende em Bakhtin:

A palavra é um fenômeno ideológico por excelência. A realidade (sic) toda palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais sensível de relação social. (BAKHTIN, 1995, p. 36)

Assim sendo, emerge, a partir daí, a questão de como o signo social é dialeticamente determinado? Bakhtin (1995, p. 41) afirma que o signo social é determinado nas relações entre a infra-estrutura e as superestruturas. Considerando que a realidade (a infra-estrutura) determina o signo, como ela reflete e refrata a realidade em transformação? A palavra, entendida como signo ideológico, é protagonista das mais íntimas, individuais e fecundas relações sociais presentes na vida cotidiana, conforme justificado a seguir:

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte do trabalho de tese em andamento pela Pós-Graduação em Letras da UFPB.

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (BAKHTIN, 1995, p. 41)

Em sinestesia com Bakhtin, os novos sentidos do verbo *bater* nas CLC(B)<sup>2</sup>s funcionam como termômetro das transformações sociais. *Bater* passa a circular em contextos inesperados, ajustando-se às demandas sociais e podem ser entendidos como metáforas. Essa visão corrobora a noção das metáforas conceituais da vida cotidiana de Lakoff e Johnson (2002), como fenômeno cognitivo que faz parte do sistema ordinário do pensamento e da linguagem.

A palavra se realiza no campo movediço das relações de produção da estrutura sócio-política. Desse ambiente derivam todas as necessidades comunicativas, como os contatos verbais possíveis entre os indivíduos e as diversas formas e tipos de comunicação verbal, incluindo a diversidade de gêneros. A palavra reflete e se materializa na “psicologia do corpo social” (Cf. BAKHTIN, 1995, p. 42), acumulando mudanças e deslocamentos sutis, os quais encontram sua expressão nas produções ideológicas acabadas.

Essa reflexão sobre a linguagem e a materialização da palavra nos permite compreender a dinamicidade que perpassa o verbo *bater*, enquanto signo, nos contextos das CLC(B)s. O signo se cria entre indivíduos, fruto do meio social.

Voloshinov (1930)<sup>3</sup> descarta a visão petrificada da linguagem, incluindo-a no processo da evolução humana. A linguagem evolui e se realiza nas relações sociais da comunicação humana, entre seus pares, no nível da produção e do discurso. Assim sendo, a linguagem se encontra no processo de comunicação verbal, resultado das relações sociais, onde se elaboram diferentes tipos de enunciados, “correspondendo, cada um deles, a um diferente tipo de comunicação social”. (V. N. VOLOSHINOV (1930).

Estudiosos como Piaget (1980), Vigotsky (2005), Pinker (1994, 2004), Chomsky (1977) e Johnson-Laird (1983) adotam um olhar voltado para os processos mentais, mais especificamente no que diz respeito à inter-relação entre pensamento e linguagem, qual seja a compreensão dos fenômenos lingüísticos que norteiam o raciocínio humano.

Nesta perspectiva, a linguagem é vista como uma forma de ação no mundo, integrada às outras capacidades cognitivas. Compreender a linguagem pressupõe entender como os falantes se coordenam para realizar algo conjuntamente, utilizando, simultaneamente, recursos internos, individuais, cognitivos, sociais e culturais.

Para Pinker (2004) a linguagem se manifesta sem que se perceba sua lógica subjacente, que é qualitativamente a mesma em todo indivíduo e difere de capacidades mais gerais de processamento de informações ou de comportamento inteligente. A linguagem, portanto, é uma habilidade complexa e especializada que se desenvolve espontaneamente na criança, sem qualquer esforço consciente ou instrução formal.

<sup>2</sup> CLC(B)s corresponde a denominação para as Construções Lexicais Complexas com o verbo *bater*, utilizada no trabalho maior.

<sup>3</sup> Texto de V. N. VOLOSHINOV (1930). TEORIA DO ENUNCIADO traduzido por Ana Vaz, para fins didáticos. (veiculado durante o curso Dialogismo bakhtiniano, ministrado por Dóris Arruda – UPFE, 2004.

Chomsky (1977), na década de 1950, defende a tese de que a linguagem funciona como um fenômeno natural e opõe dois fatos fundamentais: a competência e o desempenho. Por competência, entendendo-se o conhecimento que cada indivíduo possui da língua, sob a forma de um sistema abstrato de regras por ele internalizado, e, por desempenho, a escolha e aplicação dessas regras.

Seguindo a linha de raciocínio chomskyana, alguns cognitivistas, como Pinker (2004, p. 10), descreve, a linguagem como uma faculdade psicológica, um órgão mental, um sistema neural ou um módulo computacional e denomina-a de “instinto”, pela semelhança existente entre o fato de as pessoas saberem falar, assim como as aranhas sabem tecer teias.

Lakoff e Johnson (2002), por sua vez, partem da posição de que “os processos do pensamento” são, em grande parte, metafóricos. Trata-se de um mecanismo cognitivo intrinsecamente presente em cada de um nós, decorrente de nossas experiências, que emerge do nosso sistema conceptual. Além disso, de que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, na linguagem, no pensamento e na ação e, como tal, “desempenha um papel central na construção da realidade social e política”. (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 261)

Lakoff e Johnson (op. cit.) deslocaram a metáfora do plano das figuras de retórica para o plano do conhecimento no qual pré-existe um sistema conceptual subjacente à linguagem que influencia nosso pensamento e nossa ação. As metáforas da vida cotidiana se manifestam de diferentes maneiras na língua e regem nossos pensamentos e nossas ações.

Sardinha (2007, p. 13) ao enfatizar os muitos sentidos figurados que a linguagem possui, destaca a metáfora com seus recursos retóricos poderosos os quais são usados “conscientemente por políticos, advogados, jornalistas, escritores e poetas, entre outros, para dar mais ‘cor’ e ‘força’ a sua fala e escrita”. Além disso, elas configuram como meios econômicos de expressar grande quantidade de informações.

Para Sardinha (op. cit.) as metáforas são ditas porque existem em nossa mente, como meios naturais para estruturar nosso pensamento. As metáforas mentais são fundamentadas em nossa cultura, por exemplo, ‘economizar tempo’ é sinônimo de dinheiro, já que tempo e dinheiro na cultura ocidental são bens caros. Por isso, ao analisarmos os usos de *bater*, facilmente se apreende sua convergência semântica para o contexto atual, no qual predomina a competição de forças dominantes do mundo capitalista.

## 2. Um recorte: metáforas em contexto esportivo

Neste recorte apresentamos uma amostra de metáforas constituídas com o verbo *bater*, recorrentes em nosso *corpus*<sup>4</sup>, especificamente em contexto esportivo. Neste recorte destacamos ocorrências de expressões metafóricas, às vezes já lexicalizadas.

Nossa intenção não se restringe a dar conta de todos os usos do verbo *bater*, mas tratá-lo como verbo que no processo de flutuação semântica percorre um continuum de significações que vai de verbo pleno para verbo leve, do mais marcado para o menos marcado, fenômeno que ocorre no tráfego discursivo via interferências metafóricas, sendo esse movimento lingüístico determinante para a evolução lingüística.

Essas metáforas encontram-se de forma abundante, nos textos jornalísticos, principalmente no gênero esportivo, conforme podemos averiguar no quadro a seguir:

### O verbo *Bater* em CLC(B) - contexto esportivo

1. bater o martelo por Rafael Greca
2. bater André
3. bater a falta
4. Bate um bolão
5. bater tiro de meta

<sup>4</sup> Corpus constituído com textos do Jornal Folha de São Paulo, 1998/1999 e 2007/2008.

6. bater no travessão
7. bater a marca histórica
8. bater na corrida
9. bater o Cruzeiro
10. bater de letra na bola

Em (1) a expressão aponta para uma tomada de decisão, a exemplo do juiz quando bate o martelo em sinal de referência a tomada de decisão. Esta expressão já muito comum no contexto comunicativo tem sido recorrente quando se refere a tomada de decisão.

A partir do item (2) em diante temos expressões recorrentes e corriqueiras ao contexto esportivo. Trata-se de construções metafóricas que traduzem ações próprias do movimento de um time de futebol. São expressões que dizem o que não poderia ser dito de outro modo, o que implica que falar de futebol, necessariamente requer expressar-se metaforicamente, porque todo o movimento futebolístico reflete a linguagem metafórica como se percebe nas expressões acima.

No contexto dos textos jornalísticos que tratam de esporte, tema recorrente em nosso recorte, a linguagem reflete e se materializa, conceptualizando nossas experiências cotidianas, como confirma Lakoff e Johnson abaixo:

(...) não apenas nossa concepção de discussão, mas também a nossa maneira de desenvolvê-la fundamentam-se em nosso conhecimento e em nossa experiência de combate físico. Mesmo que você não tenha jamais em sua vida experienciado uma luta física, muito menos provavelmente uma guerra, você ainda concebe discussões e discute de acordo com a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, porque tal metáfora faz parte do sistema conceptual da cultura na qual você vive. Todas as discussões consideradas “racionais”, aquelas que se enquadram no ideal de DISCUSSÃO RACIONAL, não são apenas concebidas em termos de guerra, mas quase todas contêm, de maneira subjacente, as táticas “irracionais” e “desleais” que as discussões racionais, em sua forma ideal, não deveriam apresentar. (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 136)

Sob essa ótica, essa capacidade de os falantes desenvolverem conceitos mais abstratos são consequência de sua percepção e de sua ação no mundo. E que, quanto mais abstratizam determinadas construções lingüísticas, essas construções metafóricas também são mais produzidas.

A partir dos exemplos citados, nos deparamos com realizações que adquirem sentido próprio e que o verbo *bater* perde função sintática em benefício do contexto pragmático. Isso implica considerar que as realizações discursivas que permeiam a gramática da língua é algo definidor para obtermos resultados que dêem conta da funcionalidade dos enunciados, nas circunstâncias pragmáticas, como bem destaca Azeredo:

O discurso se situa, inevitavelmente, no ponto de tensão entre dois pólos: a individualidade criativa do locutor/enunciador e o conjunto de variáveis que, externas a ele, limitam, condicionam ou afetam de diversos modos a enunciação: o código lingüístico, o interlocutor, o tempo, o espaço, a situação social, o conteúdo, crenças e valores culturais, o texto em processo, outros textos. (AZEREDO, 2000, p. 121)

Como se vê, a necessidade de se levar em conta o fato de a estrutura gramatical estar vinculada ao uso que se faz da língua, no contexto da situação comunicativa, impõe compreender a gramática motivada pelas circunstâncias específicas do uso.

A motivação para a produção de metáforas com o verbo *bater*, tanto pode estar embasada nas necessidades comunicativas atreladas a um contexto cultural propício, como na existência de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações lingüísticas ainda suficientemente adequadas.

Estes dados evidenciam que a regularidade das funções se estabelece nesse tabuleiro lingüístico onde concorrem um conjunto multi-referencial de elementos, tendo como base o termo *bater*, que associado a outros itens lexicais pluralizam-se metaforicamente, traduzindo a essência de uma atividade esportiva.

Esta análise parcial mostra que o papel verbal desempenhado por *bater* aponta para uma diversidade produtiva de expressões gramaticais, relativas ao contexto cultural. Também, que o sentido veiculado de usos concretos até seus usos mais abstratos revelam um deslizamento semântico, no qual o percurso do verbo *bater* vai ao encontro da proposta teórica de Johnson e Lakoff (2002) quando afirmam que a trajetória dos elementos lingüísticos tende a se encaminhar do sentido mais concreto para o mais abstrato.

## Referência

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS.** NBR 14724: Informação e documentação: Trabalhos acadêmicos – Apresentação. Rio de Janeiro, 2002.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS.** NBR 6023: Informação e documentação: Referências – Elaboração. Rio de Janeiro, 2002.
- ALVES, Eliane Ferraz et al. (org.). **Linguagem em foco.** João Pessoa-PB: Idéia, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Construções Lexicais complexas com o verbo “levar”.** Tese de Doutorado. Recife-PE: Programa de pós-graduação em Letras e Lingüística. 1999.
- AZEREDO, José Carlos de. **Iniciação à sintaxe do português.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 5. Ed. São Paulo: Hucitec, 1990. (título original, 1929).
- BORBA, Francisco da Silva (Coord.). **Dicionário gramatical de verbos do Português Contemporâneo do Brasil.** São Paulo: UNESP, 1999.
- CÂMARA JR., J.M. **História da Lingüística.** Petrópolis: Vozes, 1975.
- CHAFE, Wallace. *Significado e estrutura lingüística.* Tradução de Maria Helena de Moura Neves, Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza Campos e Sônia Veasey Rodrigues. Rio de Janeiro: livros Técnicos e Científicos, 1979.
- CHOMSKY, Noam. **Linguagem e pensamento.** Trad. Francisco M. Guimarães. Petrópolis-RJ: Vozes, 1977.
- CRYSTAL David. **A revolução da linguagem.** Trad. Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Anual, 1999/1998. 1CD-ROM.
- JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Anual, 2000/1999. 1CD-ROM.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana.** Chicago: The University of Chicago Press, 2002.
- MARCONDES, Danilo. **A Pragmática – na filosofia contemporânea.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- MOREIRA, Marco Antonio. Modelos mentais. In: MORTIMER, Eduardo Fleury; MACHADO, Andréa Horta. Elaboração de conflitos e anomalias na sala de aula. . In: MORTIMER, Eduardo Fleury ; SMOLKA, Ana Luiza B. (Org.) **Linguagem, Cultura e Cognição – reflexões para o ensino e a sala de aula.** (Org.) Belo Horizonte: Autentica, 2001, p. 107-138.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido. In: MORTIMER, Eduardo Fleury; SMOLKA, Ana Luiza B. (Org.)

- Linguagem, Cultura e Cognição** – reflexões para o ensino e a sala de aula. Belo Horizonte: Autentica. 2001, p. 107-138.
- \_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et all (org.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002..
- \_\_\_\_\_. **Fenômenos de Linguagem** – reflexões semânticas e discursivas. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 119 -131.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.) **Manual de Lingüística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- PINKER, Steven. **O instinto da linguagem** – como a mente cria a linguagem. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes. 2004.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes. 2004.
- \_\_\_\_\_. **A gramática, história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Contexto. 2002
- OLIVEIRA, Roberta Pires. Semântica. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. (org.) **Introdução à lingüística – domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez. 2001, p. 17-46.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. **Dicionário Latino-Português**. Etimológico, Prosódico, Histórico, Geográfico, Mitológico, Biográfico etc. 11ª ed. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Livraria Garnier. 2000.
- SARDINHA, Tony Berber. **Metáfora**. São Paulo: Parábora, 2007.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. Org. Charles Bally e Albert Sechehaye. Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidro Blikstein. São Paulo, 1995.
- SEARLE, John, **Expressão e Significado** – Estudos da teoria dos atos de fala. Trad. Ana Cecília G. A. de Camargo; Ana Luiza Marcondes Garcia. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SIQUEIRA, Maity. **As metáforas primárias na aquisição da linguagem – um estudo interlinguístico**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Mimeografado. 2003.
- VILELA, Mário. **Metáforas do nosso tempo**. Coimbra: Almedina. (2002).
- VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- VOTRE, Sebastião et al. **Gramaticalização no português do Brasil – uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro. 1996.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Observações filosóficas**. Trad. Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2005.